



Uma visão mitológica da reconstrução no processo analítico

Juarez Guedes Cruz*, Porto Alegre

Uma revisão dos principais textos clássicos que abordam o mito edípico é utilizada para ilustrar um dos temas que o autor privilegia na clínica: a reconstrução, ou seja, a abordagem das lacunas e incoerências na história que o paciente conta a respeito de sua vida. Tal enfoque baseia-se na premissa de que a falta de um relato coeso da própria existência é um dos determinantes tanto do destino trágico do herói mítico quanto da tragédia neurótica de muitas das pessoas que procuram nossos consultórios.

Palavras-chave: reconstrução, narrativa, mito, Édipo, transgeracionalidade.

* Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



“Se você quiser sonhar, tudo bem. A gente diz pra você com o que sonhar” (Waters, 1975, tradução minha).

Prólogo

Em suas *Reflexões do presidente*, publicadas no ano de 2010, Hanly alerta para o fato de que a psicanálise não pode esperar o respeito da comunidade instruída que a cerca: “[...] quando se transforma em um conjunto de teorias contraditórias, cada uma das quais alardeando ser exaustiva” (Hanly, 2010, p. 5). E acrescenta que uma disciplina clínica não deveria aceitar tal diversidade “[...] dado que o pluralismo teórico pressupõe a falta de um procedimento de [...] observação baseado no paciente [...]” (*Ibid.*, p. 5). Mesmo que, num contraponto a essa postura, possamos sair *em defesa de certa pluralidade* – que nos permitiria o exercício de um pensar menos constrangido pela tradição – não podemos deixar de sentir, na advertência de Hanly, o chamado, por parte da instituição que nos congrega, a um posicionamento teórico e clínico mais convergente. Na tentativa de contribuir para a discussão deste assunto, construí o presente exercício como resposta a uma simples pergunta: qual é o aspecto essencial da minha atividade clínica? Dito de outro modo: liberto, na medida do possível, da influência das diversas teorias psicanalíticas a respeito das quais estou informado, o que é central na minha postura baseada na observação do paciente?

Concluí que, em minha prática, tenho privilegiado um vértice da técnica: a reconstrução. Ou seja, a elaboração conjunta de uma biografia coesa e linear da vida do paciente. De início, tal inferência me pareceu óbvia, pois o preenchimento das lacunas de memória, devidas à repressão, se constitui, desde os tempos de Freud, num dos objetivos de qualquer análise. No entanto, pensando mais detidamente, compreendi: mesmo que antecedida pela interpretação do que ocorre no aqui e agora mais imediato do campo analítico, a reconstrução continua a ser o objetivo de qualquer tratamento considerado como um todo, como *processo*.

Em minha exposição, dividi o artigo que segue em duas partes. Na primeira, valendo-me do estudo das obras literárias que referem o mito edípico, busco mostrar que um dos causadores da tragédia de Édipo é o desconhecimento da própria história e, como consequência disso, a submissão às forças de um destino sentido como inexorável. Na segunda parte, tento estender minha tese aos achados clínicos psicanalíticos, sustentando a ideia de que a falta de um relato coerente a



respeito da própria existência é um dos determinantes – assim como foi do destino trágico do herói mítico – da tragédia neurótica de muitos dos pacientes que procuram nossos consultórios.

1 Édipo e a ausência de uma narrativa

Na concepção de Goethe (como citado em Brandão, 1987), os mitos expressam as relações permanentes da vida. Quando pensamos no mito edípico, podemos nos perguntar quais serão as relações perenes por ele reveladas e qual sua substância universal. A busca inabalável do conhecimento e da verdade? A compreensão tardia dos limites humanos e da impotência diante da majestade de leis que, embora não escritas, nos governam? A punição do homem pela orgulhosa desmedida? A desgraça daquele que carrega as penas da humanidade por ter violado duas proibições básicas da civilização, o parricídio e o incesto? A ironia dos fortuitos acasos existenciais que determinam se estamos vivos ou mortos, felizes ou infelizes? Ou Édipo representa as incontáveis vítimas dos segredos entre as gerações, segredos tão terríveis quanto os de um projeto filicida?

Proponho-me buscar a essência transcendental desse herói mitológico valendo-me dos autores que, ao longo dos séculos, cristalizaram alguma faceta de seu caráter e seu destino. Mesmo que, depois de pesquisar em Ésquilo, Sófocles, Eurípidas, Sêneca e outros tantos escritores que deram forma e personagens ao mito, chegar à conclusão de que esse herói é todos os homens, ainda assim resta a pergunta: o que ele representa, a partir do vértice psicanalítico, do íntimo de cada um de nós e que motiva tal imanência? É isso que tentarei definir nesta aproximação de Édipo.

Ao abordar essa questão, surge uma primeira dificuldade: jamais teremos acesso direto às fontes primárias da narração mítica. Apenas contamos com documentos literários, onde o puro e simples registro do mito cede lugar a preocupações estéticas que visam emocionar o leitor ou o espectador. Ou seja, precisaremos nos aproximar do cerne do mito através das transformações efetuadas pelos vários artistas sensíveis que têm nos apresentado com versões escritas da inalcançável vertente oral dessas tramas.

Outro obstáculo reside na insuficiência de qualquer abordagem particular do significado de um mito. Se, por um lado, Claude Lévi-Strauss e Sigmund Freud são criticados por não considerarem a conjuntura sociológica, quando pretendem dar ao mito um sentido que valeria para todos os seres humanos, por outro, uma abordagem histórica e contextualizada arrisca perder a perspectiva



essencial do mito como via de compreensão de algo inerente aos seres humanos em toda e qualquer época, em todo e qualquer lugar. Assim sendo, quem busca acercar-se de Édipo já se vê colocado, de imediato, na precária condição do herói tebano: diante de uma esfinge que, se não o constrange com seus predicados antropofágicos, pelo menos ameaça frustrar sua claudicante ambição de escrever algo de valia sobre o tema. Decifra-me ou esvaziarei teu texto.

Frente a esse dilema, escolhi um caminho: sabedor de que o mito me excede, deixei-me tomar pelos sentimentos despertados na leitura de diversas obras inspiradas no Édipo e permiti que o mito – sonho da humanidade – se transformasse, dentro de mim, em um sonho, mito do sujeito. Ao elaborar meu trabalho, adotei uma postura mental semelhante àquela recomendada por Meltzer ao psicanalista que, durante uma sessão clínica, sonha o sonho do paciente: “Enquanto ouvia seu sonho tive um sonho que, em minha vida emocional, significou algo que gostaria de compartilhar com você, na esperança de que proporcionará alguma luz sobre o significado que seu sonho tem para você” (Meltzer, 1984, p. 100). Parafrazeando Meltzer, declaro: enquanto lia escritos sobre o mito de Édipo, tive um devaneio que, em minha vida emocional significou algo que eu gostaria de compartilhar com o leitor através do texto. Alimento a esperança de que meu devaneio proporcione alguma luz sobre o significado que o mito de Édipo tem para o leitor.

1.1 Em Tebas, diante do palácio de Édipo

Nessa viagem onírica, encontro-me diante do palácio de Édipo. O orgulhoso decifrador de enigmas desfruta o auge de seu poder e tem, com a rainha Jocasta, quatro filhos: Etéocles, Polinices, Antígona e Ismene. Já vão longe os tempos de sua juventude, quando, por ter derrotado a esfinge, conquistara o direito de assumir o trono de Tebas. A felicidade de Édipo, no entanto, enfrenta ameaças, pois a cidade que governa vem sendo dizimada por uma peste e, há poucos dias, vinda do oráculo de Apolo, chegou-lhe a notícia de que tal praga é um castigo dos deuses: Tebas abriga, entre seus cidadãos, o assassino de Laio, rei que antecedeu Édipo no governo da urbe. Para livrar seus súditos da epidemia, Édipo decide investigar os fatos que cercaram o assassinato do velho governante. Assim inicia a tragédia *Édipo rei*, de Sófocles, e quem de nós, sabedores da história inteira, não sentirá pena do poderoso rei ao ouvir as palavras que profere ao tomar as primeiras providências em sua busca do assassino de Laio:



Esse homem, determino, seja quem for, [...] ninguém o receba, ninguém lhe dirija a palavra [...] que todos o afastem de suas casas, imundície é ele para nós todos [...] que de mal em mal arraste a vida falida; rogo, se algum dia esteve acoitado no palácio sob minha responsabilidade, com meu consentimento, que eu padeça da maldição que pronunciei (Sófocles, 429 a.C., p. 91-92).

Lastimável Édipo. Desconhecedor de sua verdadeira identidade, esse altivo e arrogante soberano, em seu emocionado discurso, não sabe que está atraindo sobre sua cabeça o anátema que profere ante os cidadãos de Tebas. Sabemos que, no final de sua investigação, descobrirá ser ele mesmo o maldito que tanto condena. A cruel ironia presente nesse mito, e nas tragédias que o retratam, é o fato de que todos os espectadores sabem que Édipo é o assassino que busca. Só ele ignora a armadilha em que se enredou. Quando desvenda sua história, já cometeu as duas infrações terríveis: o parricídio e o incesto. Tudo isso, leitores e espectadores da peça de Sófocles, sabemos. E só podemos lamentar a falta de sorte desse homem que, ao iniciar uma honesta investigação, descobre-se um impostor quando se acreditava rei.

Tais considerações – e, é claro, minha identidade de psicanalista, acostumado a valorizar, no dia-a-dia da prática clínica, as biografias dos pacientes – me proporcionam o vértice de abordagem deste ensaio: a falta de uma explanação coerente a respeito da própria existência como uma das imanências da trajetória de Édipo como representante de todos os homens e mulheres que, por desconhecerem ou não compreenderem sua história, atraem a miséria neurótica sobre suas cabeças. O herói mitológico nos antecede nessa luta inglória contra poderes aos quais estaremos submetidos se não compreendermos que forças de natureza inconsciente nos governam e se desconhecemos que padrões de relação com os outros seres humanos estamos propensos a repetir.

Na sequência deste estudo, apresentarei alguns trechos de textos clássicos que se referem ao mito edípico. Isto é feito com o objetivo de ilustrar a tese de que, na saga de Édipo, os deuses, que, com tanta frequência, interferem no rumo dos acontecimentos, são extensões de genitores filicidas. Já aviso que, durante a leitura, ouviremos, ao fundo, uma melodia muito familiar nos recordando o quanto vários de nossos pacientes passaram e passam por vicissitudes semelhantes em suas vidas em função das histórias mal contadas, dos segredos de família, dos preconceitos a obscurecer verdades e distorcer os fatos.



1.2 Os deuses do mito edípico como representantes dos genitores filicidas

1.2.1 Homero

A primeira referência, na história da literatura, a personagens relacionados ao mito edípico encontra-se na *Ilíada*. Agamenon, antes da batalha, visita seus guerreiros e exorta-os à luta. Entre os mesmos se encontra Diomedes, filho do herói Tideu, amigo de Etéocles, um dos filhos de Édipo. Ao perceber que o jovem está assustado ante a proximidade do confronto com o inimigo, Agamenon, com palavras duras, reprova o que considera covardia. Lembra ao moço a bravura e a força de seu pai, que sempre se adiantava durante as manobras de guerra. Conclui sua reprimenda declarando que o filho gerado por Tideu lhe é “[...] melhor de língua e de valor somenos” (Homero, c. sec. 9 a.C. (a), canto 4, p. 120). É muito significativa, nessa menção inaugural ao mito edípico, a presença de um chefe/pai que menospreza o filho. Tal atitude de Agamenon para com Diomedes não chega a ter a mesma concretude filicida que a de Laio com Édipo, mas a necessidade de mortificar o filho ou seu representante não é diferente. É chamativo que Homero tenha ressaltado o discurso prepotente e avassalador de um representante do pai que encara o filho como um ser despojado de hombridade, humilha-o e dificulta – ao tentar impor-lhe um destino igual ao do pai – que possa construir seu próprio ideal de acordo com suas características pessoais.

Esta, veremos, será uma invariância destacada nas diversas obras que encontrei em minha revisão: a presença de genitores tão arrogantes quanto Agamenon e que colocam, para a nova geração, obstáculos à construção de uma vida alicerçada na própria essência. Tais genitores podem aparecer diretamente (Laio e Jocasta, por exemplo), ou são representados por outros (Agamenon, nesta cena, ou Tirésias em várias versões do mito), pelos deuses (Zeus e as demais potestades do Olimpo) ou, ainda, por um *destino* sempre fatal (as Erínias ou o Oráculo).

É, ainda, da autoria de Homero, agora na *Odisseia*, a segunda referência literária ao mito edípico. No canto onze, ao evocar os mortos, Odisseu, após descrever parricídio e incesto como dois graves *delitos*, cometidos por Édipo, comenta que os deuses não aprovaram seu casamento desde o início e que a mãe/esposa de Édipo, ao saber da verdade, enforcou-se e deixou ao filho/marido uma *herança de dores* (Homero, c. sec. 9 a.C. (b), p. 193). No vértice que estou privilegiando, é clara não apenas a desaprovação, mas a atitude vingativa dos deuses/pais que, ao mesmo tempo, privam o filho da verdade e, de maneira onipotente, o responsabilizam e castigam por ter infringido as leis fundadoras da civilização. A partir daí, maldições sobre maldições, das quais Édipo não consegue escapar.



1.2.2 *Ésquilo*

Em *Os sete contra Tebas* (476 a.C.), Édipo já se encontra destituído do trono tebano e Ésquilo constrói a tragédia em torno da luta sucessória entre Etéocles e Polinices. É em seu escrito que encontramos um dos trechos mais comoventes no que se refere à submissão a pais cruéis: dando continuidade à desgraça que se propaga entre os descendentes de Laio, dessa vez é Édipo quem sobrecarrega sua prole. Em resposta ao fato de ter sido banido quando suas transgressões foram descobertas, não admite ser destronado e maldiz os filhos homens, condenando-os a disputar o poder pelas armas. Antes da batalha fratricida, Etéocles lembra, comovido, o fardo imposto pelo pai e lamenta: “Família de Édipo, a minha, enferma de fúria divina, objeto de ódio celeste, demente, digna das lágrimas de todos, cumpre hoje [...] as maldições de meu pai” (Ésquilo, 476 a.C., p. 72). E afirma sua incapacidade de “[...] evitar ocorrências preparadas por deuses” (*Ibid.*, p. 76). Ou seja, impossível esquivar-se da opressão de um pai vingativo que não aceita retirar-se do poder e, mais do que isso, precisa repassar aos filhos a abominação de gerações anteriores, da qual fora vítima.

É importante compreendermos o quanto essas pragas adquirem, nas tragédias que se baseiam no mito edípico, o poder de vozes que selam um destino. Se Édipo golpeou os filhos e condenou-os a dividir os bens na *lei do ferro*, isso *acontecerá*; as Erínias encarregar-se-ão da tarefa, promovendo uma chacina transgeracional cujas sementes foram plantadas por pais abusadores.

1.2.3 *Sófocles*

De todos os autores trágicos gregos, foi Sófocles quem abordou de forma mais extensa e profunda o mito de Édipo. E o fez na chamada *trilogia tebana*, constituída pelas peças *Antígona* (441 a.C.), *Édipo rei* (429 a.C.) e *Édipo em colono* (401 a.C.).

Em *Édipo rei*, Sófocles inicia apresentando um ancião que, em nome da população de Tebas, pede ao rei, mais uma vez, a salvação da cidade. Édipo é olhado como um intermediário entre o poder dos deuses e a fragilidade dos homens, e o povo dirige-se a ele como a um pai protetor: “Tu nos livraste [...] do tributo pago à dura Cantora e isso sem nada saberes de nós. Sem instruções, mas com o amparo de um deus, ao que se diz e pensa, restauraste-nos a vida” (Sófocles, 429 a.C., p. 80).

Como conhecemos o enredo, sabemos o quanto é irônica a expressão “*sem nada saberes de nós*”, porque Édipo sabe muito menos a respeito de si. Frente à



súplica do ancião, o poderoso governante de Tebas responde que já tomou providências: enviou Creonte ao oráculo de Delfos e espera a sentença de Apolo. A resposta do deus não tarda e as instruções do mesmo são claras: há um assassino na cidade, o assassino de Laio. Este criminoso deverá ser descoberto e punido para que a cidade fique livre da peste.

Édipo promete empenhar-se na busca do culpado e, ao declarar tal intenção, sem saber convoca as implacáveis Erínias, representantes da mãe filicida, a apressarem sua vingança. No desenrolar da trama compreende o que, até então, ocultara de si mesmo: ele é o assassino que tanto procura. A trama é desenvolvida por Sófocles com tal competência, que o leitor tem a oportunidade de viver, esteticamente, os sentimentos relacionados ao mal-entendido de Édipo com relação a sua própria vida.

Antígona inicia quando Édipo já foi deposto e seus dois filhos homens mataram-se um ao outro na luta pelo poder. No prólogo dessa tragédia, Antígona, referindo-se a um decreto que proibia o enterro de Polínicos, considerado traidor, pergunta à irmã, Ismene: “[...] sabes de algum mal, dos que nos vêm de Édipo, que Zeus não queira consumir em nossas vidas?” (Sófocles, 441 a.C., p. 7). O coro, que aparecerá logo em seguida, comenta o quanto aquele que desagrada os deuses está destinado a uma existência infeliz.

São inúmeras as referências ao infortúnio que se estende, inapelável, através das gerações: um corifeu alude a Antígona como “vítima de culpa paterna” (*Ibid*, p. 65), e esta responde lembrando os sofrimentos dos *celebrados filhos de Lábdaco* e ao *maldito leito* de sua mãe. É admirável, nessa peça, a descrição de Antígona como uma heroína que tenta lutar contra as determinações originadas nas gerações que a antecedem e todo texto descreve seu combate sem trégua. Mesmo assim, há um reconhecimento de que não está ao alcance dos mortais evitarem o que foi determinado por esses deuses/pais e mães onipotentes.

Em *Édipo em colono*, Sófocles (401 a.C.) nos apresenta um Édipo velho e cego. Acompanhado por Antígona, rumo a Colono, uma pequena localidade próxima a Atenas. Para o infeliz e trôpego Édipo, a principal atração de Colono é o fato de que nela situa-se um templo dedicado às Eumênides, deusas caridosas. Depois de tanto sofrimento e castigo, o herói trágico, sentindo a morte aproximar-se, ainda busca unir-se a uma imagem benfazeja da mãe. É claro que esta relação não é isenta de ambivalência: de fato, as Eumênides são as mesmas Erínias, apenas designadas com outro nome por aqueles que temem enfurecê-las. Mas, afinal, o que mais pode desejar Édipo, próximo da morte, do que apaziguar as fúrias que sempre se voltaram contra ele? Além disso, há um depoimento do herói agonizante buscando provar sua inocência. Defende-se com um discurso lógico e emocionado,



onde comenta que os deuses tiveram prazer em condená-lo, movidos por um antigo ódio contra sua raça. Alega que não poderia ser recriminado por ter cometido o parricídio e o incesto, pois não conhecia nem pai, nem mãe. A tese de Édipo é de que fora governado por forças que estavam acima de seu poder controlar. Tal discurso é frutífero: recebe os cuidados de Teseu e ali, em Colono, junto ao santuário dedicado às Eumênides, é recebido pela mãe-terra.

1.2.4 Eurípides

Na tragédia *As fenícias* (410 a.C.), Eurípides concebe uma estrutura distinta para o tema de Édipo. Em sua obra, a rainha Jocasta adquire primazia, como mãe e mulher, conferindo à peça uma visão feminina. Ela, de maneira distinta da versão do mito na trilogia de Sófocles, não se suicida logo depois de saber da calamidade da qual foi uma das protagonistas. Depois de um ano, quando Édipo já foi destituído das funções de rei, Etéocles e Polinices disputam o trono. Jocasta tenta convencer os filhos a não empreenderem a guerra fratricida, sendo dela a primeira fala da peça. Humilhada, pede a Zeus que interrompa essa cadeia de infortúnios que se abate sobre as diversas gerações da família dos Labdácidas. Suas súplicas, no entanto, serão inúteis: a trama segue os rumos já determinados pelos deuses.

1.2.5 Sêneca

Passaram-se quatro séculos até que a saga edípica fosse retomada na literatura. Desta vez por Sêneca, na tragédia *Édipo*, escrita no século I, em um roteiro que segue muito de perto o *Édipo rei* de Sófocles. Há, no entanto, uma importante inovação: o surgimento do espectro de Laio. Em sua fala, acusa o filho e não reconhece o fato de ter sido ele quem desencadeou a série de infortúnios sobre seus descendentes. O texto de Sêneca é importante para os propósitos deste ensaio, pois ressalta o ódio de Laio contra o filho. Num discurso cínico, promete persegui-lo por toda a cidade e roubar-lhe o céu. Como se ele já não tivesse roubado o céu de Édipo no dia em que este nasceu. Mais adiante, entra o coro e tenta consolar o herói mítico, ao esclarecer que, desde os tempos de Cadmo, seu trisavô, a cidade sofre de um mau agouro e que não é a Édipo que as Erínias perseguem, mas a todos os descendentes de Cadmo. Mais para o final da peça, Édipo recebe, por parte do coro, um conselho: melhor resignar-se. Nesta mensagem, é reafirmada a impotência do ser humano ao lutar contra a dura mão filicida: “Somos levados pelos fados [...]. Nossos inquietos cuidados não podem mudar a trama do fuso invariável” (Klein, 2005, p. 106-108).



2 As lacunas na narrativa de vida do paciente

Ao terminarmos de ler o parágrafo anterior e as pessimistas palavras do coro, podemos compreender o significado da epígrafe escolhida para este estudo: “Se você quiser sonhar, tudo bem. A gente diz pra você com o que sonhar”. Pois se é assim, se aquilo que o sujeito faz *vem do alto*, se ele obedece aos decretos de uma *roca girada com dura mão*, submetido a um traçado transgeracional, então ele está impedido de sonhar seus sonhos. Seu destino já está determinado por forças que o antecedem. Cocteau chega a referir-se a essas forças, nas tragédias gregas, como “[...] uma das mais perfeitas máquinas construídas pelos deuses infernais para a humilhação matemática de um mortal” (Cocteau, 1934, p. 13). No mito que estudei, como vimos, entendi que esses deuses infernais são extensões de ascendentes filicidas, pois a tragédia já está determinada antes do nascimento de Édipo.

Vários autores destacam o papel irrecorrível da supremacia divina e das coerções do destino na trajetória do herói tebano. Meu objetivo foi sublinhar a intervenção de outro fator decorrente desse: o desconhecimento de Édipo a respeito de sua verdadeira origem. Era um herói, um rei, um decifrador de enigmas. No entanto, não sabia de quem era filho. Ao lhe ser revelada a verdade escondida durante tantos anos, os fatos penetram em sua mente de maneira traumática, destrutiva. Ele, que conseguiu responder a pergunta da esfinge, libertando Tebas do jugo da cruel cantora, não saberia contestar uma singela pergunta a respeito da própria identidade. Quando a esfinge o desafia com o enigma, ele pode responder: “é o homem”. Mas se a esfinge tivesse perguntado “que homem és?”, Édipo não contaria com elementos biográficos confiáveis para responder.

Diz o mito que foi um bêbado, durante uma discussão, que o insultou e colocou em dúvida ser ele filho legítimo dos reis de Corinto. A ofensa proferida pelo homem foi implacável: chamou-o de *plastós*, o modelado, postiço, ilegítimo, o fingido. Desesperado, Édipo fugiu e buscou uma resposta no oráculo de Apolo, em Delfos. Queria saber se era, ou não, filho de Políbio e Mérope. Longe de ser acalmado, recebeu a notícia de que estava destinado a matar seu pai e casar com a mãe. Julgando-se filho dos reis de Corinto – não podia acreditar na terrível injúria do bêbado — fugiu para Tebas quando, então, encontrou dois estranhos que não sabia serem seus verdadeiros genitores. Ignorante a respeito de sua história, consumou o que o oráculo predissera.

Penso ter ficado evidente, a essa altura, a relação do mito com as vicissitudes do dia-a-dia em nossos consultórios. Em seu artigo *Construções em análise*, de 1937, Freud comenta que o analista, em sua tarefa, está “[...] à procura de um



quadro dos anos esquecidos do paciente que seja [...] digno de confiança e, em todos os aspectos essenciais, completo” (Freud, 1937, p. 292) e que a tarefa do analista é a de resgatar “[...] aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (*Ibid.*, p. 293). Mais adiante, nesse mesmo texto, Freud adverte que houve certo prejuízo no reconhecimento da meta reconstitutiva da análise em virtude da importância técnica da interpretação. Mas, para ele, o que acabamos fazendo no trabalho analítico é, na realidade, uma reconstrução, pois, no final das contas, estamos sempre colocando “[...] perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva” (*Ibid.*, p. 292).

Quero enfatizar o quanto a reconstrução, no sentido de reconquista de uma biografia fática e carregada de afeto, é uma das aquisições mais preciosas de um processo psicanalítico. Basta nos reportarmos à nossa prática clínica para observarmos quantas vezes, por não contar com um melhor entendimento de suas histórias, nossos pacientes são arrastados, como se fosse um *destino* a eles imposto, para uma malha de equívocos tão trágicos quanto os de Édipo. Como apontam Iankilevich *et al.* (2007): muitas vezes, no suceder das gerações, os pensamentos são transmitidos “[...] não como história, mas como trauma” (p. 8).

Ogden (2005), em *Esta arte da psicanálise*, lembra que as pessoas que nos procuram, estão “[...] buscando ajuda para sonharem sua experiência” (p. 21). Acrescenta que nossa tarefa como analistas é a de criar um ambiente que lhes possibilite construir tais sonhos. Essa é uma das conexões clínicas deste trabalho: a equiparação do percurso de vida do herói trágico e aquele do paciente, impedido de ter uma versão coesa a respeito dos fatos de sua existência e de sonhar seu sonho. Na leitura que desenvolvi, coloquei-me ao lado da interpretação psicanalítica clássica, ou seja, aquela que afirma que Édipo representa a todos nós no sentido de ter atuado, na realidade, fantasias que habitam nosso mundo interno. No entanto, me abstive de abordar tal dimensão essencial e tão conhecida. Privilegiei uma aproximação complementar, que assim resumo: quando uma geração esconde da outra a verdade, o sujeito torna-se mais frágil, pois não conta com um relato que lhe dê suporte e um lugar no mundo. Aulagnier (1991) lembra ser na infância que o sujeito “[...] se apropria dos elementos que constituem seu fundo de memória, sobre o qual tece a tela de sua biografia” (p. 443). Comenta o quanto esse fundo de memória torna-se um registro que “[...] confere certeza e marca um lugar para o sujeito no sistema de parentesco, na ordem genealógica e temporal [...]” (*Ibid.*, p. 443-444). Ora, um dos fatos clínicos com os quais lidamos em nossa tarefa como psicanalistas vem a ser a questão de que o paciente, em maior ou menor grau, não conta com essa reserva mental.

Por outro lado, é necessário ressaltar que se trata de uma verdade a respeito



da qual o paciente quer e não quer saber. Que sarcástica pintura a respeito de nós mesmos! Se lembrarmos o quanto, em nossas análises pessoais e nas análises que conduzimos como psicanalistas, temos uma posição ambivalente a respeito de saber e não saber, podemos também pensar que os personagens que a mitologia e a literatura criaram possuem essa outra correspondência com nosso mundo interno. Ogden (1988), em *The primitive edge of experience*, destaca precisamente essa dimensão do mito edípico: um labirinto em torno da questão de se é melhor conhecer ou não conhecer. Ao objetivo lembrado por Ogden – ajudar o paciente a sonhar sonhos não sonhados e gritos interrompidos – podemos relembrar este outro: auxiliá-lo a escrever um relato coerente, verdadeiro e mais completo de sua vida. Algo que nos remete, mais uma vez, à concepção de Bion a respeito da verdade como alimento da mente.

3 Conclusão

Ao finalizar este ensaio, compreendo a ironia aqui presente: ao longo dos séculos, as várias pessoas que vêm estudando o mito de Édipo têm construído livremente suas hipóteses, sonhos e devaneios a respeito de alguém que, por sua vez, não teve liberdade para sonhar e, quando acordou, já estava afundado em uma realidade infernal. É a situação de muitos pacientes que dispõem, apenas, de uma biografia repleta de lacunas. Por outro lado, vimos que se trata de uma história que o sujeito, em parte, não quer conhecer. O que acontece, tanto no mito quanto na neurose, é uma interação entre essas duas vertentes. A resultante é uma: a presença de hiatos e mal entendidos no relato que o sujeito apresenta sobre sua vida. Em função disso, em momentos críticos da análise, muitas vezes nos questionamos se haverá, para os pacientes que atendemos, outra evolução possível. Vemos as pessoas que nos consultam tão frequentemente enredadas em um claustro mental desesperador, submetidas a uma realidade interna tão dura, reiterando relações de objeto de tal modo trágicas, que chegamos a duvidar se poderemos construir juntos, analista e paciente, um caminho para suas existências diferente daquele ao qual estão aderidas como se um destino, vindo de fora assim o determinasse. Mas sempre é bom, nessas horas, lembrar Freud, em seus *Estudos sobre a Histeria* (1895), quando, ao defrontar-se com a objeção de que o passado não pode ser alterado pela análise, argumenta que o paciente ganhará muito se conseguir, pelo menos, “[...] transformar seu sofrimento histérico em infelicidade comum” (Freud, 1895, p. 363). Ou seja, sobre os mesmos fatos irremovíveis,



contar com uma linha narrativa completa, mais centrada na compreensão do que na censura e, assim, encontrar um rumo mais feliz que o de Édipo. □

Abstract

A mythologic approach to reconstruction in the analytic process

A review on the most important classic texts which approach the Oedipus myth illustrates a theme the author privileges in his clinical practice: reconstruction, that is, getting access to the gaps and incoherences in the story of life told by the patient. Such approach is based on the premise that missing a cohesive report on one's own existence leads to the tragic destiny of the mythic hero, as well as to the neurotic tragedy of many people who come to our consulting rooms.

Keywords: reconstruction, narrative, myth, Oedipus, transgenerationality.

Resumen

Una visión mitológica de la reconstrucción en el proceso analítico

Una revisión de los principales textos clásicos que tratan del mito edípico es utilizada para ilustrar uno de los temas que el autor privilegia en la clínica: la reconstrucción, o sea, el acercamiento a las lagunas e incoherencias en la historia que el paciente cuenta respecto a su vida. Tal enfoque se basa en la premisa de que la falta de un relato coherente de la propia existencia es uno de los determinantes tanto del destino trágico del héroe mítico como de la tragedia neurótica de muchas de las personas que buscan a nuestros consultorios.

Palabras clave: reconstrucción, narrativa, mito, Edipo, transgeneracionalidad.

Referências

Aulagnier, P. (1991) Construir (se) un pasado. *Psicoanálisis – ApdeBA*, 13(3), pp. 441-468.

Brandão, J. S. (1987). *Mitologia grega* (Vol. 1, 13a ed.). Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

Cocteau, J. (1934). *La machine infernale*. Paris: Bernard Grasset.

Ésquilo. (476 a.C.). *Os sete contra Tebas*. Porto Alegre: L&PM, 2007

Eurípides. (410 a.C.). *As fenícias*. Porto Alegre: L&PM, 2005.



Juarez Guedes Cruz

- Freud, S. (1895). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, Estudos sobre a histeria). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1937). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 289-304). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Hanly, C. (2010). Reflexiones del Presidente: consolidando el sueño de Freud. *Psicoanálisis Internacional. Revista de actualidad de La API*, 18, pp. 5, 2010.
- Homero. (séc. 9 a.C. (a)). *Ilíada*. São Paulo, Editora Martin Claret Ltda, 2006.
- _____. (séc. 9 a.C. (b)). *Odisseia*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2007.
- Iankilevich, E. *et al.* (2007). *Historizando*. Porto Alegre, Agosto de 2007. Texto apresentado à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- Klein, G. R. (2005). *O Édipo de Sêneca*: tradução e estudo crítico. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Dissertação. Recuperado em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000349549>.
- Meltzer, D. (1984). *Vida onírica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- Ogden, T. H. (1988). *The primitive edge of experience*. London: Jason Aronson.
- _____. (2005). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Sófocles. (441 a.C.). *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. (401 a.C.). *Édipo em Colono*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- _____. (429 a.C.). *Édipo Rei*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- Waters, R. (1975). Welcome to the machine. Intérprete: Pink Floyd. In Pink Floyd. *Wish you were here*. London: Pink Floyd Music. 1 CD. Faixa 5.

Recebido em 17/05/2013

Aceito em: 29/05/2013

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Juarez Guedes Cruz

Rua Tobias da Silva, 85/306

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: jgcruz@pro.via-rs.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA